



Isabel Ponce de Leão  
prof. universitária UFP

## História(s) de Vida

Há na vida histórias de vida a serem evocadas; há na vida vidas que prolongam a vida. Há vida em *Canto Longo & Outros Poemas* de Francisco d'Eulália; vida em construção, aberta, recusando o encerramento sobre si própria. Olho essa vida materializada em objecto estético pela Editora *Modo de Ler*. Desafiante, a cor púrpura albergadora de azuis e vermelhos, impele-me para seu o *incipit*, criando uma aura de magia e mistério. A magia e o mistério da vida plasmados na polivalência de signos artísticos, sobretudo mas não só linguísticos, onde cada sujeito-leitor pode entender, à sua maneira, a manifestação estética da arte, variando as percepções no tempo, no espaço e no contexto da sua experiência frutiva.

Reivindico a subjectividade de sujeito-leitor e digo que a vida de *Canto Longo & Outros Poemas* ultrapassa a visão dos acontecimentos, permeando o reconhecimento do que é concreto ao abstracto; digo que a tessitura das palavras convoca imagens que me aproximam do objecto; digo que na erotização da arte, na sedução exercida, vejo a captação de espelhamentos reflectores de desenvolvimentos parciais e, concomitantemente, cumulativos, que a sua poética projecta. Dessa poética digo: abertura para a vida.

Por isso me apetece Gilles Deleuze e talvez também Félix Guattari. Quiçá porque a escrita de Francisco d'Eulália se desenvolve em diferentes *platôs* atinentes a uma região contínua que se movimenta sobre si própria, evitando qualquer orientação para um ponto culminante que a finalize ou emoldure. Microfendas estabelecem a comunicação entre esses *platôs* em jeito rizomático. Círculos de convergências exibem in/dependências. As palavras carregam conceitos e estes, linhas. Conexões impelem a multiplicidades, sendo que cada poema não tem vínculo com o seguinte apesar de com ele se comunicar. Destarte a obra não começa nem conclui nada. É a vida que se encontra no *entreser* e no *entrelugar*.

Digo articulação, segmentaridade, estratos, territorialidade e desterritorialização, desestratificação, linhas de fuga. “A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente” (Deleuze & Guattari). Então, *Canto Longo & Outros Poemas* configura-se um pequeno engenho em que cabe mensurar a relação literária com a máquina da abstração que a arrasta.

Deleuze e Guattari inspiram-se na botânica e transportam para a filosofia a noção de rizoma: contrariando a árvore de Descartes, cavam um pouco de terra, num modelo de contraposição ético-estético-político que procura linhas e não formas. O rizoma foge, eclipsa-se, confunde-se, destrói, corta caminhos, diz não às formas fechadas e às ligações definitivas. Enformam-no tão só linhas de intensidade – a intensidade da vida opositora do pesadelo da linearidade. Também

o mapeamento de *Canto Longo & Outros Poemas* se constrói e desconstrói em múltiplas direcções procurando as microfendas por onde possa despontar qual “riacho sem inicio nem fim, que rói as suas duas margens e adquire velocidade no meio” (Deleuze & Guattari) e, pospondo cartesianismos, cria novos sentidos em disseminadas micro-conexões. Cadeias semióticas estabelecem redes imagéticas evocadoras de signos de outras linguagens, de outras artes que se ligam à história do procedimento criativo.

*Canto Longo* parece perseguir o sistema signico complexo das narrativas curtas. Parece... pois trata-se de um exercício livre de construção inteligível, porém complexa, que encaminha o leitor aos horizontes e às dimensões da linguagem literária; por tal penetra e desnuda a semiótica de outros aspectos dos campos e dos *locus*. Prosa poética – assim lhe chamo – detentora de uma sintaxe dos elementos geradores do efeito tensional. Osmose do olhar visível e invisível, a isotopia do silêncio é aqui conciliação de contrários, porque “Quando todos pensam que a vida não é feita de irrealidades, de ficções, de sonhos, de mistérios, de quimeras, estão a pensar mal” (p. 17).

Em *Outros Poemas* cabem 17 microtextos de carácter sentencioso quase, por vezes, aforístico onde o minimalismo formal contracena com a forte demanda de autognose e de autoconsciência poética numa prática mais intensa do que extensa. Universos poéticos em espelhos, estampas temáticas aqui e agora da vida indefinível, rizomática, que se escoia e dissipa em microfendas enquanto

na sombra do vermelho  
o sol desenhava  
arpejos de lua (p. 24)

Os *Poemas* alongam-se. São agora titulados – a vida a expandir-se. A saudade, por vezes também, enquanto eixo rizomático da vida. A tessitura dos passos e descompassos da efusão lírica agiliza uma fortíssima retórica do eu que adentra espaços artísticos de variados autores, trazendo à baila diálogos entre os signos. Alguns diálogos transcorrem sobre seres mitológicos, sobre relações humanas e, fundamentalmente, sobre a osmose do olhar que permeia o que está no plano visível, mas com concessão interpretativa do que está no plano opaco ou invisível da efusão lírica.

Depois, não raro, os conteúdos transcendem para a significação; por tal a arte poética de Francisco d'Eulália está para além da simples metáfora enquanto similaridade de interacção dos semas, antes faz uma intersecção sémica dos signos atingindo alta complexidade. Cabe a aproximação à metáfora cognitiva enquanto fenómeno mental, porque os mecanismos que permitem explicar o seu funcionamento

são de natureza psicológica, têm a ver com os processos mediante os quais o poeta apreende e organiza o seu conhecimento da realidade. Segundo Lakoff, (veja-se também o que sobre o assunto diz Damásio em *Ao Encontro de Espinosa*) a teoria cognitiva da metáfora explica a forma como o indivíduo é capaz de construir sistemas conceptuais abstractos a partir de imagens esquemáticas e conceitos directamente ligados à experiência; assim sendo, ainda que os mecanismos metafóricos não sejam exclusivamente linguísticos mas sim estruturalmente conceptuais, são acessíveis mediante a análise linguística. Expressões como “rosas amarelas”, “anjo branco”, “flecha”, “nevoeiro”, “feira” e muitas outras têm como campo de acção a memória e a percepção e são a concretização e estruturação de fenómenos mentais. A metáfora linguística mais não é que a ponta do iceberg imerso em redes de relações inferenciais, que permitem conjecturar uma rica estrutura subjacente.

Depois, abre-se o pano de boca. A vida domina o platô. Comparsas contraditam o contra-regra: conciliação de contrários. No proscénio ecos medievos e surrealistas pontuam um canto só aparentemente “Sem memória”.

A poética de Francisco d'Eulália coloca o leitor a permean as entrelinhas imaginárias da sua expressividade. As relações com outras artes, pelo viés dos signos urdidos, desnudam a composição dos recursos líricos, da sua sintaxe geradora do cume alternadamente tensional e contemplativo. Os signos reconstituem uma visão imagética e são usados como forma provocadora de uma apreciação mais profunda, mais homológica desta máquina de sentidos.

Depois, as linhas rizomáticas da vida cruzam eixos: sorte e morte, amor e sexo; a história escorre pelas microfendas; a cruz desdobra-se e prolonga-se em planos labirínticos de ancestralidades. Há um Sísifo que empurra a sua pedra sem nunca virar costas a Pasárgada.

Digo: *Canto Longo & Outros Poemas* é a história de um ADN – o ADN do Poeta. História(s) de Vida.

